

Povos Indígenas no Brasil

Fonte FOLHA DE SÃO PAULO Class.: 647

Data 05/04/84 Pg.: _____

Dallari assumiria entidade "se FSP S. 4.84 ela estivesse desatrelada"

O jurista Dalmo de Abreu Dallari, integrante da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, afirmou ontem que teria o máximo prazer em assumir a presidência da Funai, "desde que o órgão estivesse desatrelado do ministério do Interior, consequentemente da política econômica do governo, e pudesse desenvolver uma verdadeira política indigenista, inexistente no País".

O nome de Dallari figura em uma lista tríplice encaminhada anteontem ao presidente Figueiredo, por aproximadamente 300 líderes indígenas — reunidos há três dias em Brasília — que querem o afastamento do atual presidente da Funai, Otávio Ferreira Lima. Figuram também na lista o antropólogo Carlos Moreira Neto e o ex-superintendente da entidade, Pedro Paulo Fatorelli.

Dallari disse que sentiu-se "honradíssimo" ao ver seu nome lembrado pelos líderes indígenas, "pois eles são pessoas da máxima boa fé e merecer sua confiança é extremamente importante". Para o jurista, assumir a presidência da Funai não é assim tão simples, já que o problema indigenista no Brasil precisaria ser estudado num quadro bastante amplo.

"Tratamento militar"

"A questão dos índios — disse Dallari — tem recebido enfoques errados ao longo dos anos. De um lado, o índio é visto como um estorvo ao desenvolvimento econômico naci-

onal. De outro, ele é tratado como um problema militar e prova disso é a passagem de mais de trinta coronéis pelos postos de direção do órgão. Essa relação entre o desenvolvimento econômico e o tratamento militar tem inspirado atitudes repressivas e não compreensivas no que diz respeito aos índios".

Dallari afirmou que "a questão fundamental que envolve a Funai é a sua falta de autonomia. Ela é dependente do Ministério do Interior e este, por sua vez, está enquadrado na política econômica do governo. A consequência é simples: não existe uma política indigenista no Brasil. O índio é visto como um acidente que atrapalha o desenvolvimento econômico e, por isso, deve ser removido, até mesmo pela força, se for necessário. Entraria aí a componente militar".

O jurista destacou que nos contatos que já manteve com grupos indígenas pôde sentir claramente a disposição para o diálogo. "Os índios são democratas por natureza e, além disso, têm um entendimento muito grande de sua posição no conjunto da sociedade brasileira". Disse que vários chefes sabem "que o branco tem necessidade de fazer obras e que os índios não querem impedi-las, desde que seus direitos sejam respeitados. Os índios gostam muito de discutir as questões e, por efeito de sua cultura, não têm pressa. Já o branco desenvolvimentista tem pressa. Dessas duas posições surgem os choques".